

# Economia.

Aeroportômetro

6 5 3

dias para a conclusão da obra

 EDITORA:  
 JOYCE MERIGUETTI  
 jmeriguetti@redegazeta.com.br  
 Tel.: 3321.8327

PAÍS EM CRISE

## ECOS DA CRISE DESEMPREGO NÃO POUPA NINGUÉM

Profissionais de todos os setores sofrem com as vagas fechadas e medo dos cortes

 BEATRIZ SEIXAS  
 DINÁ SANCHOTENE

Um dos mais danosos e graves efeitos de uma economia em recessão, como é o caso da brasileira, é o desemprego. Não é preciso entender e acompanhar números e dados históricos para saber o potencial devastador que uma demissão é capaz de causar na vida de um profissional e da sua família, bem como os impactos que ela traz no empobrecimento de uma nação.

Se há cerca de três anos o país se orgulhava de viver o chamado pleno emprego, hoje o brasileiro convive com uma realidade bem diferente. Nos últimos 12 meses, o Brasil já acumula 1,3 milhão de postos de trabalho fechados e, no Espírito Santo, o saldo entre contratações e demissões é negativo, com

40 mil empregos formais a menos no mercado de trabalho, segundo estatísticas do próprio governo federal.

O fantasma do desemprego voltou a assombrar e não tem poupado ninguém. Profissionais que vão do chão de fábrica a cargos de alta gestão já perderam suas vagas ou trabalham rondados pelo medo dos cortes, que não param de acontecer nos mais variados setores da economia.

Tantos indicadores ruins são, segundo o professor dos cursos de MBA da Fundação Getúlio Vargas, Raul Gomes Duarte, reflexo da alta deteriorização da economia e da baixa taxa de investimentos no setor privado, engessado por um ambiente político-econômico extremamente instável e que não vê seu problema maior – o ajust-

te fiscal – ser solucionado.

“Na verdade, esse é um processo em cadeia. A economia não vai bem, empresas demitem, a renda do trabalhador cai, a demanda despenca, a produção precisa ser reduzida e novas demissões acontecem. E, à medida que a crise se agrava, esse ciclo vai comprometendo mais setores”, pontua.

Se o cenário já é dramático com os atuais patamares, para 2016 especialistas estimam que será mais assustador. O economista e pesquisador do Ipea, Paulo Tafner, projeta que o desemprego vai chegar a 13% até meados de 2016. Percentual que, se confirmado, será o maior dos últimos 20 anos.

“As empresas mantiveram muitos funcionários com a expectativa de resolução da crise. Como isso

não aconteceu, a tendência é que aumentem as demissões”, analisa Tafner, ao citar que depois dos setores da construção civil e da indústria de transformação, são os segmentos de comércio e serviços que estão na mira.

Com a disparada do desemprego, que no Estado saltou de 5,5% em 2012 para 8,1% até o 3º trimestre deste ano, ou seja, um avanço de quase 50%, ficou ainda mais difícil conseguir se reinserir no mercado profissional. A diretora de estudos e pesquisas do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), Ana Carolina Giubert, destaca que o desafio é ainda maior para mulheres, pardos e pretos, jovens de 15 a 24 anos e com menor grau de escolaridade, que são os primeiros a serem atingidos pelos cortes.

AS LUTAS



MARCELO PREST

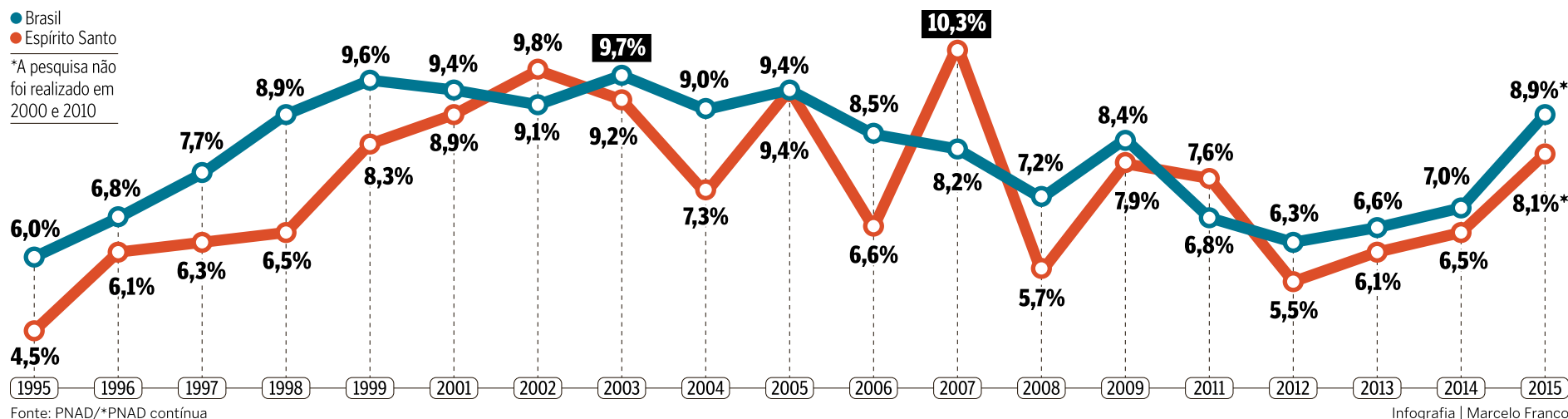
**À procura de novas oportunidades**

Neste ano, Deise Nunes Miranda (acima), 20, e Josefina Prado (abaixo) entraram para a estatística do desemprego. Com o ensino médio incompleto, Deise busca uma vaga há três meses. Já participou de mutirão do emprego e fez várias entrevistas em vão. Já Josefina, que ocupava um cargo de gerência, decidiu abrir um escritório de contabilidade e começa a dar volta por cima.



MARCELO PREST

### EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO





RAIO-X DO DESEMPREGO

FECHAMENTO DE POSTOS DE TRABALHO NOS ÚLTIMOS 12 MESES



Brasil

-1.381.992



ES

-38.534

Setores que mais demitiram no ES no período



Serviços -12.228



Construção civil -11.315



Comércio -7.419



Indústria de Transformação -4.947



Serviços industriais de utilidade pública -864

No Brasil, a indústria de transformação lidera o ranking, com -556.610 empregos

FECHAMENTO DE POSTOS DE TRABALHO NESTE ANO (ATÉ OUTUBRO)



Brasil

-818.918



ES

-30.571

Setores que mais demitiram no ES no período



Serviços -10.584



Construção civil -7.274



Comércio -9.808



Administração Pública -21



Serviços industriais de utilidade pública -819

No Brasil, a indústria de transformação lidera o ranking, com fechamento de 336.437 postos de trabalho

TAXA DE DESEMPREGO NO ES EM 2014

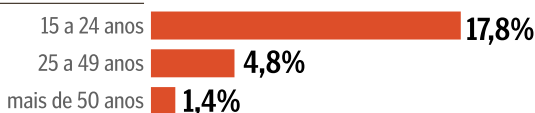
Gênero



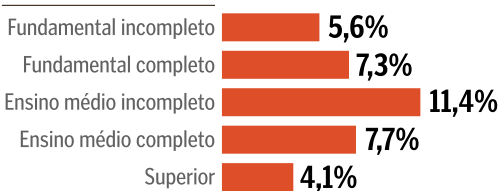
Cor



Idade



Escolaridade



Em períodos de crise, os que mais estão expostos aos cortes são: mulheres, pardos/pretos, com idade entre 15 a 24 anos e com menor grau de escolaridade

Infografia | Marcelo Franco

# NEGÓCIOS OPERAM NO LIMITE

## Empresários enfrentam mercado retraído e demissão em massa

BEATRIZ SEIXAS  
bseixas@redgazeta.com.br

No limite. É assim que empresários e representantes de diferentes segmentos da economia capixaba definem o atual momento que atravessam em seus negócios. Com uma demanda retraída, uma produção reduzida e buscando formas de contornar o caixa no vermelho, gestores lidam, ainda, com a difícil tarefa de enxugar seus quadros profissionais.

Segundo eles, os cortes de pessoal se tornam ainda mais dramáticos quando a empresa demite pessoas qualificadas e experientes, o que pode comprometer a qualidade do produto ou do serviço prestado. "A perda de qualificação profissional é imensurável. Isso traz perdas para a eficiência e para a qualidade no atendimento", admite Luciano Piana, diretor regional da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores.

Ele afirma que mesmo com essas perdas, os cortes são inevitáveis pela queda nas vendas do setor. Neste ano, as vendas caíram mais de 30% e a previsão para 2016 é de queda de 10%.

No comércio, os dilemas não são muito diferentes. Mesmo com o Natal, o otimismo do segmento "está limitadíssimo", diz o presidente da Fecomércio, José Lino Sepulcri. A baixa expectativa já é observada pela redução das contratações de temporários. Neste Natal, elas não ultrapassam 2 mil, ante três vezes mais postos em anos anteriores. "E, ao contrário do que tradicionalmente acontece, dificilmente os temporários serão efetivados", pondera Sepulcri.

A construção civil também vem amargando dados nada animadores. Nos últimos 12 meses, foram fechados mais de 11 mil postos de trabalho no Estado e cerca de meio milhão no país. O pre-

sidente do Sinduscon, Aristóteles Passos Costa Neto, admite que mais demissões estão por vir. "Estamos segurando, mas não vamos conseguir por muito tempo".

O presidente da Findes, Marcos Guerra, também reconhece que a indústria ainda está inchada e alerta que existem ajustes a serem feitos. Ele explica que, com a inflação alta, o mercado está perdendo o poder de compra e, por isso, a indústria não tem condições de aumentar os preços, mesmo com o custo mais caro.

A situação poderia ter a gravidade reduzida, na avaliação do economista e pesquisador do Ipea, Paulo Tafner, se reformas na legislação trabalhista já tivessem sido adotadas. Para ele, rigidez das regras pune o próprio trabalhador. "Para sair da crise, a empresa não pode reduzir jornada e salário, então, para ajustar seu custo, manda o trabalhador embora".

### A OPINIÃO DOS ESPECIALISTAS



"Essa mudança de pleno emprego para estoque de desempregados de quase 10% mostra a grande velocidade da deteriorização da economia brasileira"

RAUL GOMES DUARTE  
PROFESSOR DE MBA DA FGV



"A situação pode se agravar se, além da crise econômica, a crise política se estender. A economia tende a paralisar mais e o desemprego, aumentar"

PAULO TAFNER ECONOMISTA E PESQUISADOR DO IPEA

### O QUE DIZEM OS EMPRESÁRIOS



#### Ajuste

"Se nada mudar, a indústria vai ter que demitir se quiser sobreviver", afirma o presidente da Findes, Marcos Guerra.



#### Medida

"Vamos ter que tomar medidas drásticas e dispensar mão de obra qualificada", acredita Aristóteles Passos Costa Neto, presidente do Sinduscon.



#### Limite

"Estamos trabalhando no limite. A maioria das empresas está fechando o ano no vermelho", explica José Lino Sepulcri, presidente da Fecomércio.



#### Perda

"A perda de profissionais qualificados é imensurável", analisa Luciano Piana, diretor da Fenabreve.